

Intervalo Produtivo: a experiência do “Curso de Psicoterapia de Orientação Psicanalítica” em Ribeirão Preto

*Suad Haddad de Andrade**

*Beatriz Troncon Busatto***

*Guiomar Papa de Moraes***

*Maria Lucimar Fortes Paiva Defino****

* Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), SP, Brasil.

** Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP), SP, Brasil.

*** Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP), SP, Brasil.

Instituição: Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP), SP, Brasil.

Resumo

Os autores descrevem o modelo de funcionamento do “Curso de Psicoterapia de Orientação Psicanalítica” em Ribeirão Preto. O intervalo de tempo entre a graduação dos profissionais de psicologia e medicina e a sua definição profissional, que se caracteriza como um período de intensas angústias, pode se tornar um Intervalo Produtivo para todos os alunos. O curso possibilita que profissionais da área troquem experiências e encontrem maiores estímulos para seus estudos, assim como constitui um acolhimento das dificuldades através do encontro entre profissionais, iniciantes ou com alguma experiência em suas atividades. O curso também se configura como uma forma de preencher as lacunas da formação que as faculdades, inevitavelmente, apresentam em função dos seus objetivos curriculares. A difusão da psicanálise como método para se conceber e interpretar o mundo se apresentou também como um aspecto bastante relevante, sendo essa concepção levada pelos alunos aos diversos ambientes e atividades em que desenvolvem seus trabalhos.

Palavras-chave: Ensino, Psicoterapia, Psicoterapia de Orientação Psicanalítica, Difusão da Psicanálise, Teoria e Técnica Psicanalítica.

Introdução

Nosso universo profissional requer hoje dos recém-formados de quase todas as áreas de conhecimento uma bagagem cada vez mais aprimorada e especializada. Ao mesmo tempo, a amplitude e a rápida divulgação dos conhecimentos transformam o aprendizado, em especial no período de graduação, numa verdadeira maratona, com prazos muito exíguos a serem cumpridos. Raramente é possível que se desfrute, nesse período inicial, do prazer de aprofundar conhecimentos, sendo às vezes inviável escolher uma área específica a partir de reflexões. A orientação chamada generalista para a formação nas universidades nem sempre é efetiva e, como consequência, nem sempre privilegia uma de *formação* de fato. O grande volume de *informações* não permite uma metabolização adequada, gerando um excedente que, muitas vezes, permanece carente de sentido. Em consequência disso, nossos recém-formados não se sentem instrumentalizados para essa grande prova que se configura com o término da graduação e início da atuação profissional. Por outro lado, profissionais com algum tempo de experiência necessitam sedimentar suas aquisições, trocar experiências e encontrar um ambiente favorável à evolução de suas atividades.

Quando se trata da área de atendimento psicoterapêutico, essas dificuldades são ainda maiores pela própria natureza do aprendizado que se requer. A experiência clínica implica cuidados e uma forma de aprender que exige contato estreito e profundo com nossa própria mente. Necessitamos de um acolhimento experiente que se disponha a acompanhar de perto nossas aquisições.

A proposição deste curso ocorreu em função de nossos questionamentos sobre uma demanda que se avolumava em nossos consultórios. Profissionais iniciantes ou com algum tempo de experiência solicitavam orientações para os atendimentos clínicos que realizavam em seus consultórios. Questões frequentes sobre técnica e ética, sobre o que se considera uma psicoterapia psicanalítica, suas diferenças em relação à psicanálise e o claro desejo de se privilegiar a abordagem psicanalítica mobilizaram a organização deste curso. Os princípios que nos nortearam estão baseados nos estudos psicanalíticos que podemos identificar como os que historicamente contribuíram para essas e outras definições. Desde autores como Knight, Stone e Gill¹ até Etchegoyen (1987)², Zimmerman (2004)³ e Eizirik (2005)⁴, buscamos partilhar nossas dúvidas e anseios por respostas, mas temos considerado, sobretudo, o desenvolvimento de um trabalho dedicado e preenchido pela crença psicanalítica de estarmos transmitindo nossa experiência possível.

História do curso

A iniciativa de organizar um “Curso de Psicoterapia de Orientação Psicanalítica” em Ribeirão Preto nasceu de algumas observações da nossa prática cotidiana: em nossos consultórios temos uma procura contínua de pessoas interessadas em psicanálise que desejam se analisar, profissionais interessados em supervisionar seus casos e em discutir sua prática com outro profissional mais experiente. Atividades, tais como palestras e conferências, com a participação de psicanalistas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto – SBPRP, de outras sociedades brasileiras e de outros países, sempre atraíram para a nossa cidade um público grande, respeitoso e interessado. A procura de um contato maior com a teoria e a técnica psicanalíticas já existe em nosso meio há algumas décadas, mas um curso organizado com os objetivos como os que definimos nunca havia sido oferecido pelos psicanalistas de nossa região.

Pensando na necessidade de algum programa sistematizado de estudos, tentamos sensibilizar nossas universidades locais no sentido de se criar um curso de especialização em psicoterapia de orientação psicanalítica. Quando percebemos que este caminho traria algumas dificuldades e implicaria revisão de alguns dos objetivos iniciais, passamos a pensar num curso independente. Talvez por termos aceitado de certo modo que os objetivos da universidade e aqueles que pensávamos em privilegiar são mesmo distintos. A universidade parece ter como meta oferecer uma visão global, macroscópica e generalista, que contemple mais a extensão e abrangência de diferentes teorias e modelos, com pouca ênfase nas técnicas e no ensino de abordagens específicas. Por outro lado, as sociedades de psicanálise têm por objetivo desenvolver reflexões teóricas aprofundadas sobre diversos temas e autores psicanalíticos e fundamentalmente acompanhar a formação do psicanalista no desenvolvimento de condições pessoais que o instrumentalizem cada vez mais para o atendimento clínico psicanalítico. São objetivos que se aprofundam em especificidades, orientados para metas particulares.

Assim, consideramos que aqueles que nos procuravam em nossos consultórios para desenvolver suas habilidades clínicas e adquirir também um maior conhecimento sobre a teoria e prática em psicoterapia não estavam sendo atendidos conforme suas demandas. Continuavam indicando que suas necessidades e interesses para atender melhor seus pacientes não estavam sendo contemplados. Sua procura evidenciava, a nosso ver, a lacuna desse momento de formação, o hiato entre a graduação e a escolha de um aprofundamento teórico-clínico em uma abordagem específica.

Um grupo de profissionais, psicanalistas da SBPRP, organizou, então, o “Curso de Psicoterapia de Orientação Psicanalítica” como extensão. Inicialmente procuramos conhecer os cursos que já haviam sido implantados por psicanalistas em outras cidades como São Paulo, Porto Alegre e Campo Grande. Através desses contatos e da generosa contribuição desses colegas, pudemos conhecer os seus programas e as suas experiências.

Nossos contatos com profissionais recém-formados indicam que a maior parte deles, psicólogos e médicos, termina a faculdade com poucas definições do caminho a seguir para a evolução de suas carreiras. O espaço de tempo entre o fim da faculdade e o momento em que se delineiam concretamente os projetos de desenvolvimento da carreira, em nossa especialidade, é muitas vezes bastante angustiante e sujeito a dúvidas e reformulações. Este curso tem se apresentado como uma oportunidade para esses profissionais pensarem e decidirem em que direção e de quais instrumentos mais necessitam para se desenvolverem. Tal como temos percebido, o curso se configurou, então, como um intervalo de reflexão e de escolhas: um **Intervalo Produtivo**, como o denominamos. Um insight para alguns, uma abertura para experiências mais elaboradas ou a procura pela formação psicanalítica para outros. De acordo com nossas percepções, e as dos próprios alunos, o curso tem proporcionado estímulos para desenvolver e ampliar a capacidade de observação dos fenômenos psíquicos e maior reflexão teórica sobre os mesmos. Nesse processo, sua definição profissional torna-se mais bem delineada e conseqüentemente ocorre o desenvolvimento da sua identidade profissional e pessoal. A evolução na forma de atender os pacientes é percebida tanto pelos professores como pelos próprios alunos, que comentam sobre suas aquisições.

A iniciativa de organizar um curso de maneira mais formal trouxe, em primeiro lugar, um espaço de reflexão entre os psicanalistas que passaram a se reunir, tentando elaborar um programa coerente a ser oferecido e que formasse um contexto introdutório adequado para profissionais da área clínica. O programa do curso é bastante abrangente, abordando os princípios básicos fundamentais numa linha de desenvolvimento que se inicia com Freud e passa por Klein e Bion, atendo-se à seqüência histórica e funcional dos conceitos psicanalíticos.

Desde o início, tivemos uma grande procura: recém-formados, pessoas que já contavam com experiência de atendimento em consultório e profissionais de serviços públicos e/ou médicos das áreas de neurologia, pediatria e psiquiatria. Em todos os casos, percebemos que os alunos têm claramente demonstrado um desejo de adquirir conhecimentos e habilidades práticas para exercer o difícil trabalho de psicoterapeuta.

A concepção deste curso é psicanalítica em sua essência, no modo como foi idealizado e na maneira de lidar com as possibilidades dos alunos e dos docentes: o que pretendemos é despertar e ampliar continuamente o olhar psicanalítico para as suas experiências e evocar constantemente a postura e o pensamento psicanalíticos. Assim, não nos preocupamos com correção ou avaliação, mas enfatizamos a evolução e ampliação de possibilidades e a reflexão sobre os diferentes modelos de trabalho em psicoterapia psicanalítica.

Estrutura do curso

O foco deste curso são as técnicas psicoterapêuticas de orientação psicanalítica, já que nossa experiência, como comentado anteriormente, indica que essa é a maior lacuna na formação, bem como o maior interesse e necessidade, dos profissionais em nossa região. Pela própria natureza do curso, o público-alvo foi restrito a psicólogos e médicos, embora muitos outros profissionais da área da saúde o tenham procurado. Não ampliamos para outras especialidades como assistentes sociais, enfermeiros, fonoaudiólogos, psicopedagogos e fonoatras em função do foco na prática clínica e nas técnicas psicoterapêuticas, prerrogativas dos profissionais com formação em psicologia e medicina.

Como os objetivos definidos para este curso visam predominantemente à extensão de conhecimento e não à titulação, não aplicamos nenhum processo seletivo ou avaliativo. São solicitados apenas os comprovantes de formação em psicologia ou medicina. Da mesma forma, os alunos são estimulados a realizar suas análises pessoais, mas não há uma cobrança formal ou pedido de comprovação das mesmas, embora os participantes do curso compartilhem da importância do processo e estejam, em sua maioria, sob análise ou psicoterapia.

O curso foi iniciado em 2009 e concebido para transcorrer em um ano. Porém, com a repercussão bastante favorável, tanto na procura quanto na intensidade e seriedade do envolvimento com que professores e alunos se engajaram no projeto, foi organizado o segundo ano em 2010 e o terceiro em 2011. Procuramos manter uma relativa independência entre esses períodos e denominamos o primeiro ano **Módulo Básico**; o segundo ano, **Módulo Complementar**; e o terceiro, **Módulo Avançado**. Os certificados são oferecidos para cada módulo que é concluído. O curso vem sendo ministrado semanalmente, para cada um dos módulos, totalizando 500 horas ao final dos três anos. Os módulos **Básico** e **Complementar** são assim estruturados:

- Duas horas de aulas teóricas, enfocando conceitos e a história do desenvolvimento teórico em Freud e seguindo até os autores contemporâneos;

- Duas horas sobre teoria da técnica, onde um tema é exposto em cada aula e em seguida é discutido material clínico, apresentado por um dos alunos do grupo;
- Uma hora e meia de seminário clínico em pequenos grupos, realizado nos consultórios dos docentes, onde um caso clínico é apresentado a cada semana.

As aulas teóricas e de teoria da técnica dos módulos **Básico** e **Complementar** ocorrem num horário comum a todos os participantes do determinado módulo e são ministradas por membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto- SBPRP. O programa cumprido no **Módulo Básico** está apresentado nos Anexos 1 e 2. Os seminários clínicos semanais ocorrem no consultório do coordenador de cada um dos grupos. Os supervisores são alternados, e os grupos rearranjados a cada mês, de modo que os alunos tenham contato com os diferentes supervisores bem como com seus colegas. Essa proximidade com diferentes supervisores, no seu próprio local de trabalho, tem se mostrado um dos aspectos importantes do curso, pois constitui uma oportunidade para que as diferentes formas de manejo da técnica sejam apreendidas a partir das peculiaridades e do olhar de cada supervisor. A experiência tem demonstrado ser esta a nossa principal característica, uma espécie de “marca registrada” do curso.

O **Módulo Complementar** consiste nos estudos de diferentes autores como Winnicott, Bion, Meltzer, Ogden e outros, e temas como atendimento de crianças e de adolescentes, conforme Anexos 3 e 4. No **Módulo Avançado**, ocorrem as aulas teóricas em horário comum aos participantes do módulo e os seminários clínicos em pequenos grupos, no mesmo esquema dos módulos anteriores. Porém, visando a um maior aprofundamento de conceitos, as aulas teóricas consistem na leitura e discussão de artigos teóricos e de técnica psicanalítica (Anexo 5), não sendo realizadas as aulas específicas da teoria da técnica. Há incentivo para que os alunos tentem sistematizar seus estudos teóricos através da escrita dos próprios casos clínicos apresentados nos seminários.

Vale enfatizar novamente que não tem havido lista de presença formal, cobranças para a leitura da bibliografia apresentada a cada aula, avaliação de qualquer natureza nem a obrigatoriedade da apresentação do caso clínico nos seminários. O que se observa é que a motivação para a presença nas aulas, nos seminários, nas apresentações do material clínico é o interesse, vontade e disposição para aprender. Por outro lado, observamos as ausências mais frequentes e procuramos saber o motivo, mais por interesse e preocupação na situação particular que por cobrança formal.

Pensamos que a motivação dos alunos para solicitar a ampliação e duração do curso e o incentivo deles para a sua manutenção decorreram do fato

de que a psicanálise, que costuma parecer incompreensível, distante da realidade e muito idealizada de um modo geral, adquiriu outra dimensão no transcorrer do curso. À medida que os conhecimentos teóricos e práticos passaram a ser absorvidos, puderam naturalmente ser aplicados nos atendimentos de consultórios, nas atividades dentro das unidades de saúde em que trabalham (tanto com os pacientes como com a equipe de trabalho), nas escolas, creches ou onde quer que o aluno esteja desenvolvendo sua atividade profissional. A teoria, a técnica e a prática psicanalítica passam a adquirir, então, um significado e um sentido, com uma possibilidade real de serem compreendidas e aplicadas, uma escolha de fato embasada em experiências e que se transforma num valioso instrumento de trabalho.

A mobilização de angústias frente ao contato com o pensar psicanalítico, teórico ou prático, é quase sempre inevitável. Assim sendo, a procura pela análise pessoal e por supervisões individuais tem sido uma consequência imediata para aqueles que ainda não se encontram nesse processo.

Características gerais do curso

As experiências do grupo que propôs este curso contribuíram para definir as diretrizes que seriam priorizadas. Os princípios fundamentais do curso foram definidos como aprofundamento e rigor técnico, refletidos em aulas e seminários clínicos que apresentam a fundamentação dos conceitos e sua evolução e buscam explorar a compreensão de suas raízes bem como os motivos pelos quais foram formulados ou reformulados pelos diferentes autores; e ampliação do vértice clínico, em que privilegiamos a observação clínica e a inter-relação com a teoria. Além disso, privilegia-se a atenção ao método psicanalítico na sua adaptação à psicoterapia, sua compreensão e aplicação. Nesse sentido, não se fala de um método para remitir sintomas e curar psicopatologias, mas para a compreensão do funcionamento mental, conduzindo a uma melhor qualidade de vida psíquica.

A importância que atribuímos à existência desse modelo de curso não implica que esse possa substituir outros cursos de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) ou *lato sensu* (especialização), muito menos a formação psicanalítica dos institutos de psicanálise. Cada um tem sua aplicação e relevância inolvidáveis. Apontamos insistentemente as diferenças da formação de psicanalistas e de psicoterapeutas, havendo o incentivo constante à procura de formação nos institutos de psicanálise, porque essa é a nossa crença, derivada da nossa experiência profissional. De todo modo, o incentivo maior é sempre no sentido de uma evolução, de acordo com a escolha e a possibilidade de cada um.

Acreditamos que submeter-se a psicoterapia ou psicanálise é parte do desenvolvimento do aluno, mas não se impõe como requisito. Sabemos de sua importância e o incentivamos nessa conquista, mas deixamos para cada um a escolha do momento e a opção de fazê-lo.

Professores e alunos

Os professores, em sua maioria, são psicanalistas, membros associados e efetivos da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto. Alguns possuem pós-graduação, mestrado e/ou doutorado. Constam também quatro aulas com psiquiatras e quatro aulas com um especialista em psicologia na área jurídica. Essas aulas com outros enfoques têm a finalidade de ajudar o profissional a utilizar parâmetros médicos ou contribuem para ele adequar-se a solicitações legais, muito comuns na clínica psicoterapêutica.

Na relação professor-aluno, os alunos são considerados essencialmente profissionais, responsáveis pelos próprios estudos, respeitados na conduta profissional. Suas opiniões ouvidas e sugestões constantemente oferecidas para o melhor funcionamento do curso. Nos seminários clínicos em pequenos grupos, os supervisores têm a oportunidade de conhecer mais nosso público. Detectamos uma grande necessidade de discutir aspectos do *setting*, principalmente para aqueles que não estão em análise ou psicoterapia. Aspectos éticos, limites de nossa prática, atuações, muitas vezes contra-transferenciais, são questões frequentes.

Para os professores, o desafio da transmissão de nosso conhecimento e dos conceitos teóricos também auxiliou a organizar estudos, escritas, ideias e experiências. Nesse sentido, desenvolvem não somente sua maneira pessoal de conceber e aplicar a psicanálise, como também de se relacionar, apresentar sua cultura e sua visão de mundo. E os alunos têm a oportunidade de verificar que não seguimos um padrão rígido e não buscamos esquemas prontos para aplicar.

Nos seminários clínicos, nos damos conta de que, para os alunos que já têm prática em clínica, a identificação com as experiências relatadas é mais fácil. Aqueles que ainda não atuam em consultório ou que trabalham em serviços públicos percebem a autenticidade do que estamos discutindo e tentam aproveitar em sua própria prática aquilo que é discutido nas aulas. Os alunos contribuem com suas experiências durante a aula e trazem situações que estão vivenciando em seu trabalho clínico ou institucional. Tentamos fazer sempre uma correlação entre teoria e clínica a partir do material que emerge na sala. São situações de vida que são expostas e compreendidas sob um vértice psicanalítico.

A escuta atenta dos alunos também é um aprendizado para os professores. Aprendemos, por exemplo, que uma das funções muito significativas do curso parece ser a de congregar, identificar-se com o grupo, saber mais sobre as inúmeras variáveis desta profissão tão nova ainda. Assim, contatos sociais e afetivos ligados a esse contato profissional são fundamentais, porque nesse espaço podem ser partilhadas com seus pares as angústias próprias de seu momento profissional, já que vivenciam situações semelhantes. A aproximação e a troca de vivências entre os alunos e os professores sobre questões do dia a dia como, por exemplo, funcionamento de consultório, função da secretária, encaminhamento de pacientes, contratação de serviços, pagamento, cobrança judicial, relacionamento com equipes de trabalho e tantas outras questões, compõem sempre.

À medida que o olhar e a escuta psicanalítica se ampliam, os alunos passam a apresentar condutas diferenciadas, mais solidamente fundamentadas na teoria e na experiência, em qualquer setor em que estejam trabalhando. O profissional passa a se diferenciar pela percepção e sensibilidade à dor psíquica, pela indicação de atendimento e até mesmo nas exigências de condições mínimas para prestar um atendimento com qualidade (sigilo e privacidade).

Repercussão geral do curso

Os profissionais que atuam em instituições têm se mostrado um instrumento interessante de difusão do método psicanalítico em áreas não clínicas. Esses apresentam a outros profissionais a possibilidade de um olhar psicanalítico para pensar as situações e experiências. Falam de suas vivências nas atividades não clínicas e relatam também a outros como têm se desenvolvido, como se pode aprender psicanálise, o que é a psicanálise, sua especificidade e diferenças em relação a outras abordagens.

A difusão da psicanálise é, então, um dos resultados relevantes de nossa atividade. Os alunos passam a entender melhor a teoria e a técnica psicanalíticas, descobrem possibilidades e benefícios de sua aplicação, buscam com mais embasamento a sua própria análise pessoal, suas superviões individuais e grupos de estudos mais específicos. A divulgação do curso é, fundamentalmente, feita pelos alunos e professores. Por mais essa razão acreditamos que a procura constante do curso confirma sua necessidade em nosso contexto.

Ao organizar concretamente este curso, acabamos por atender a uma demanda que podemos agora qualificar e quantificar melhor. Estamos conseguindo perceber mais nitidamente o alcance do curso, que vai além do

simples interesse pelo pensamento psicanalítico. É uma forma de pensar nosso trabalho e a importância de nossa tarefa como profissionais de saúde mental.

A psicanálise, quando transmitida apenas teoricamente em aulas, fica destituída de significação emocional. Ela não pode ser apreendida distante da clínica. O ensino teórico isolado corre o risco de acabar criando situações esdrúxulas que configuram um saber engessado, verdadeiras mimetizações: o profissional usa o divã, tenta fazer interpretações, propõe ao paciente várias sessões semanais, repetindo superficialmente modelos aprendidos, mas sem uma compreensão interna do que está fazendo. Em nosso modelo de curso, as aulas são embasadas o tempo todo em experiência clínica, o que propicia um aprendizado vivo, integrado em seus diversos aspectos.

Reconhecemos em cada um de nós uma vontade genuína de partilhar conhecimentos, de estar com o outro e de ensinar. Podemos, num curso como este, mostrar o que nos propomos realizar, quais as peculiaridades dessa experiência que pode nos diferenciar. Não temos interesses ou condições de nos confrontarmos com os padrões acadêmicos e o fato de estarmos isentos da preocupação de oferecer títulos e diplomas nos deixa com maior liberdade para escolhermos como transmitir a experiência psicanalítica.

Não podemos afirmar que o *intervalo produtivo* a que nos referimos tem de ser preenchido sempre dessa maneira, com cursos estruturados. Mas estamos convencidos de que os profissionais de nossa área precisam manter contato com colegas para intercâmbio de vivências, e essa situação do curso aqui apresentado favorece isso. Estamos transmitindo uma experiência que privilegia reflexões, discussão de ideias, conversas sobre temas diversos e supervisões. É um incentivo a não permanecer em isolamento: nossa prática, nossos conhecimentos existem e se desenvolvem nas relações. Precisamos muito de outros olhares para não sucumbir às angústias que nosso trabalho inevitavelmente provoca.

Referências

1. Stone MH. História da Psicoterapia. In: Eizirik CL, Aguiar RW, Schestatsky SS, org. Psicoterapia de Orientação Psicanalítica: Fundamentos Teóricos e Clínicos. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2005.
2. Etchegoyen RH. Fundamentos da Técnica Psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas; 1987.
3. Zimmerman DE. Manual de Técnica Psicanalítica: uma re-visão. Porto Alegre: Artmed; 2004.

4. Eizirik CL, Aguiar RW, Schestatsky SS, org. *Psicoterapia de Orientação Psicanalítica: Fundamentos Teóricos e Clínicos*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2005.

Correspondência

Suad Haddad de Andrade

Av. Presidente Vargas 2001- conj.128 – Jd Irajá
14020-260- Ribeirão Preto – SP
suadandrade@gmail.com

Beatriz Troncon Busatto

R. Bernardino de Campos 1001 – conj. 405
14015-130 – Ribeirão Preto – SP
beatrizbusatto@convex.com.br

Guiomar Papa de Moraes

R. Bernardino de Campo 1001- conj.1005
14015-130 – Ribeirão Preto – SP
guiomar.papa.morais@hotmail.com

Maria Lucimar Fortes Paiva Defino

R. Maria Quitéria 165 – Alto B. Vista
14025-325 – Ribeirão Preto – SP
aclpaiva@uol.com.br

ANEXO 1: PROGRAMA DAS AULAS TEÓRICAS – MÓDULO BÁSICO

- História do movimento psicanalítico
- Interpretação de sonhos
- Primeira e Segunda tópicos
- O funcionamento mental
- Narcisismo
- Dualidade pulsional
- Formação de sintomas
- Fantasias inconscientes
- Édipo
- Formação do mundo interno
- As posições
- Formação simbólica reparação e criatividade
- Inveja e gratidão
- Pacientes de difícil acesso
- Refúgios psíquicos
- Mente primitiva
- A experiência emocional e os vínculos
- Personalidade psicótica e não psicótica
- Transformações

ANEXO 2: PROGRAMA DAS AULAS DE TEORIA DA TÉCNICA – MÓDULO BÁSICO

- História da Psicoterapia
- Entrevista inicial
- Contrato
- *Setting* psicoterápico
- Aliança terapêutica
- Transferência – contratransferência
- Comunicação verbal e não verbal
- Interpretação
- Reação terapêutica negativa
- *Acting-out, Enactment*
- *Insight* e elaboração
- Intersubjetividade
- Violação das fronteiras profissionais
- Níveis de mudança e critérios de melhora

ANEXO 3: PROGRAMA DAS AULAS TEÓRICAS – MÓDULO COMPLEMENTAR

- Wilfred R. Bion
- Donald W. Winnicott
- Donald Meltzer
- Thomas Ogden

- **Psicoterapia de Crianças:**
 - Questões gerais de desenvolvimento
 - Contatos iniciais – entrevistas
 - Entrevista com a Criança
 - Sintomas mais frequentes – distúrbios alimentares, de aprendizagem e depressão
 - Construção do *setting*

- **Psicoterapia de Adolescentes:**
 - Contatos iniciais – particularidades do *setting*
 - Mente adolescente
 - Distúrbios de conduta – problemas escolares

ANEXO 4: PROGRAMA DAS AULAS DE TEORIA DA TÉCNICA – MÓDULO COMPLEMENTAR

- Psicoses
- Pacientes *borderline*
- Abordagens do caráter
- Abordagem do paciente ansioso
- Pacientes deprimidos
- Pacientes histéricos
- Pacientes obsessivos compulsivos
- Pacientes narcisistas
- Pacientes psicossomáticos
- Pacientes fóbicos
- Pacientes com transtornos alimentares
- Perversões

ANEXO 5: PROGRAMA TEÓRICO-CLÍNICO – MÓDULO AVANÇADO

- Leitura e discussão de artigos psicanalíticos, abordando os principais conceitos teóricos e da técnica
- Supervisão clínica em pequenos grupos